



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE 0 A
3 ANOS.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

FRANCIELE PARABONI MAFFINI

**Santa Maria, RS, Brasil.
2016**

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE 0 A
3 ANOS.**

por

Franciele Paraboni Maffini

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação
Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção de título de
Especialista em Docência na Educação Infantil

Orientador: Prof^a. Dr^a. Débora Teixeira de Mello

**Santa Maria, RS, Brasil.
2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO
CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE 0 A
3 ANOS.**

elaborada por
Franciele Paraboni Maffini

Como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Débora Teixeira de Mello, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientador)**

Professora Dr^a Viviane Ache Cancian (UFSM)

Professora Dr^a Waléria Fortes (UFSM)

**Santa Maria, RS, Brasil,
2016**

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)

Dedicatória

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que durante o desenvolvimento do curso estiveram ao meu lado, ajudando direta ou indiretamente, proporcionando assim resultados positivos em minha vida pessoal e profissional.

Agradecimento

Agradeço, primeiramente, a todos os docentes e também aos coordenadores, que nos auxiliam no decorrer do curso, compartilhando experiências e ampliando nossos conhecimentos. Agradeço também os colegas de curso, que fizeram parte dessa trajetória, na qual dividimos frustrações, estudos, discussões, experiências e conquistas. Agradeço à Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo pela acolhida e auxílio, que proporcionou esse trabalho ser realizado. A professora Cláucia Honnef, responsável pela turma na qual foi desenvolvido este trabalho, pelo carinho e por ter caminhado ao meu lado para a realização do projeto. Em especial, agradeço à professora Débora Mello, cuja orientação foi de suma importância para elaboração deste trabalho, demonstrando paciência e compreensão.

RESUMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS

Autora: Franciele Paraboni Maffini

Orientador: Débora Teixeira de Mello
Santa Maria, 09 de setembro de 2016.

O presente trabalho procura abordar um tema de relevância na Educação Infantil – a importância da participação da família no contexto da Educação Infantil com crianças de 0 a 3 anos. O objetivo é compreender o papel da família dentro deste contexto. A pesquisa foi realizada conforme a modalidade de Pesquisa-ação, na qual a participação das famílias no contexto da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo foi o foco principal desse trabalho. Tecendo algumas relações a partir das abordagens teóricas encontradas nos pressupostos de RINALDI (2014), KULHMAN (2015), FORTUNATI (2009 e 2014) e MONÇÃO (2013) A partir disso conseguiu-se perceber a importância de algumas práticas vivenciadas na escola de Educação Infantil, nas quais a família precisa ser acolhida e incentivada para a sua participação. Assim, é preciso que a instituição elabore propostas viabilizadoras de uma educação que respeite as características da infância, considerando a parceria Família/ Escola como alicerce do trabalho educativo de qualidade na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Família; Infância e participação.

ABSTRACT

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**FAMILY PARTICIPATION OF IMPORTANCE IN THE CONTEXT
OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION WITH CHILDREN 0 TO 3
YEARS**

Author: Franciele Paraboni Maffini

Advisor: Débora Teixeira de Melo
Santa Maria, September 9, 2016.

This paper seeks to address a topic of relevance in early childhood education – the importance of the participation of the family in the context of early childhood education with children from 0 to 3 years. The goal is to understand the role of the family in this context. The survey was conducted as research-action mode, in which the participation of families in the early childhood Unit Yellow Ipê was the main focus of this work. Weaving in relationships from the theoretical approaches found in the assumptions of RINALDI (2014), KULHMAN (2015), FORTUNATI (2009 and 2014) and MONÇÃO (2013) from this managed to realize the importance of some practices experienced in the school of early childhood education, in which the family needs to be accepted and encouraged for their participation. Thus, the institution draw up viabilizadoras proposals for an education that respects the characteristics of childhood, whereas the Family/school partnership as the Foundation of the educational work of quality in early childhood education.

Key words: early childhood education, family, childhood and participation.

SUMÁRIO

RESUMO	7
Introdução	10
Capítulo I	12
1. ANDO DEVAGAR PORQUE JÁ TIVE PRESSA E LEVO ESSE SORRISO, PORQUE JÁ CHOREI DEMAIS	12
Capítulo II	15
3. HOJE ME SINTO MAIS FORTE, MAIS FELIZ QUEM SABE, EU SÓ LEVO A CERTEZA DE QUE MUITO POUCO EU SEI, EU NADA SEI.....	15
Capítulo III	20
3. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
Capítulo IV	22
4. Contextualizando a pesquisa	22
4.1. A família vista pela sociedade atual... ..	27
4.2. Escola x família	28
Capítulo V	32
5. Resultados e discussões	32
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	43
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema emergiu a partir de minha prática profissional, como docente da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo e, ao longo de quatro anos, pude perceber a maneira pela qual muitas famílias compreendem este espaço da Educação Infantil. Algumas famílias ainda o tratam como um simples espaço de cuidado, apenas para deixar as crianças durante o dia, sem se importar com seu bem-estar, evidenciando a escola como legítimo "depósito". Não se pode deixar de mencionar também que ao longo desta jornada, evidenciou-se famílias que deram o máximo de si para acompanhar seus filhos(as) em seus turnos, dialogando, mostrando-se presentes em todos os momentos, seja pessoalmente ou por qualquer meio de comunicação, como bilhetes, agenda ou telefonemas.

Nesta pesquisa, pretendo trazer um pouco sobre a história da Educação Infantil, evidenciando alguns aspectos que mostrem como suas origens ainda se fazem presente culturalmente para a Educação Infantil e às famílias de hoje. Pretendo também trazer um pouco sobre minha trajetória docente na Educação Infantil, pela qual pude contextualizar, um pouco, dessa angústia relativa à participação das famílias junto a escola observada.

Este Plano de Ação que trago descrito neste trabalho, foi desenvolvido no 2º semestre do ano de 2015, na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA) da UFSM. Primeiramente, na turma em que eu atuava como docente na educação infantil, a denominada Turma Amarela: composta por 15 crianças na faixa etária de 1 a 2 anos de idade, em turno integral 8 crianças, no turno da manhã 3 crianças e a tarde 4 crianças, com uma professora do quadro Federal (EBTT) responsável, quatro bolsistas (duas no turno da manhã e duas à tarde) e uma docente infantil.

O projeto realizado foi chamado de "Culinária da Turma Amarela", e visava proporcionar mais momentos de integração entre família/escola. O objetivo era que um membro de cada família das crianças da Turma Amarela viria a escola, para participar da organização coletiva de pratos de culinária na turma. Os dias e horários foram combinados entre pais e professoras. O prato

gastronômico seria escolhido pela família, junto com a criança, e de acordo com seu interesse. Este projeto, foi elaborado com o objetivo de trazer as famílias para um convívio mais próximo da escola, fazendo-os participar de nossas rotinas, compreender o funcionamento de nossas propostas diárias, das quais seus filhos participam, e assim, os pais também passam, por um momento de fazer parte da turma. Esta participação da família na escola é o que será discutido nos capítulos posteriores, trazendo sua importância para a permanência da criança dentro da escola e para parceria entre família/escola.

A partir dos momentos dessa integração das famílias nós docentes produzimos o “Livro de Culinária da Turma Amarela”. O livro ficou exposto na entrada da sala, para que todas as famílias tivessem acesso e conhecimento de todas as receitas elaboradas. Esta foi uma alternativa que encontramos para uma melhor participação dos pais, para e uma compreensão mais profunda do papel da família neste momento e em todos os demais.

Assim, o objetivo geral deste trabalho aqui apresentado é compreender o papel da família no contexto da Educação Infantil com crianças na faixa etária de 0 a 3 anos de idade, conseguindo ao longo desta discussão bibliográfica reconhecer a trajetória da Educação Infantil desde seu início para compreender sua origem no Brasil, identificar a relevância do trabalho docente dentro da escola de Educação Infantil interligado com a família, para identificar sua possível indissociação e por fim compreender a participação da família como um processo desejado, mas que envolve paciência e interesse da instituição e das famílias.

O referido trabalho está organizado em quatro capítulos, os quais se estão apresentados da seguinte maneira: O primeiro capítulo aborda um memorial da autora, que contempla toda sua trajetória acadêmica e profissional até os dias atuais. O segundo capítulo apresenta um breve histórico da Educação Infantil no país. O terceiro capítulo apresenta os Encaminhamentos Metodológicos, referentes ao desenvolvimento da pesquisa, a contextualização da pesquisa e análise das entrevistas e discussões e as considerações finais.

1. ANDO DEVAGAR PORQUE JÁ TIVE PRESSA E LEVO ESSE SORRISO, PORQUE JÁ CHOREI DEMAIS...

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. Paulo Freire (1987)

Minha trajetória na Educação Infantil é ainda pequena, há apenas quatro anos atuo como professora. Desde muito cedo, na minha infância o desejo de ser professora me acompanhava timidamente. Sempre gostei de crianças, quando pequena adorava brincar de ser professora com meus alunos imaginários. O tempo passou cresci e na adolescência consegui um trabalho em uma escola, aqui mesmo no município de Santa Maria. Nesta escola atuava como recepcionista, passava as manhãs trocando palavras com as professoras, crianças e toda equipe. Ficava encantada ver o trabalho que ali era construído, as crianças o carinho que demonstravam a todos, mas principalmente pelos docentes. Fiquei por quase dois anos nesta escola, tive muitos momentos em que minha vontade realmente era ir para as salas de aula, ver o que acontecia, como acontecia, principalmente nas turmas com crianças menores com idade de 1 a 3 anos. Então, a época de vestibular chegou, uma dúvida ainda se fazia presente, pois não sabia se deveria optar pela pedagogia ou pela fisioterapia, outra área que também me chamava muito atenção.

E assim, aconteceu, passei em meu primeiro vestibular. Desta forma, deixei a escola que trabalhava para iniciar minha caminhada no curso de Pedagogia na UFSM. Muitas vezes eu tentava encontrar outras saídas, pensei em fazer outros cursos, dizendo que não saberia o que faria dentro de uma sala de aula, afinal sabia que não era fácil ser professor, precisava sim ter muitos conhecimentos, tempo de preparar aulas, e tantas outras coisas. Hoje penso que nada é fácil, mas que o prazer de ver vários rostos sorridentes também não tem preço.

Durante meu curso de Pedagogia, obtive em uma bolsa no Centro de Processamento de Dados - CPD da UFSM, fiquei os quatro anos do curso e ainda por mais dois anos neste espaço. O medo e o receio de ir para a sala de aula só era adiado por mais um tempo, até o momento do estágio curricular chegar e não ter mais escapatória. E este momento chegou, mas quando isto

aconteceu, meu pensamento já havia mudado o suficiente para saber que era este mesmo meu lugar, que precisava vivenciar este momento para dar início a minha carreira em uma escola. Fiz meu estágio na Escola Municipal de Educação Infantil Nosso Lar, uma instituição que se localizava a meia quadra da minha residência, o que de certo modo me ajudou bastante.

Ao adentrar em 2012 na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, mesmo ano em que me formei, meu medo e angústia se faziam mais presentes a todos os instantes, pois sabia que a instituição vinha sendo referência pelo seu trabalho pedagógico para várias outras escolas. Assim, a busca por documentos e leituras de textos, eram parte do trabalho, como as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (2009), autores como, Luciana Ostetto, Maria Carmen Barbosa, Ana Lucia Goulart de Faria, Zilma Moraes Ramos de Oliveira, Márcia Gobbi eram envolvidas nas minhas práticas, pois sabia o quanto era preciso me apropriar dos conhecimentos para que as dificuldades fossem sendo amenizadas.

Desta forma há quatro anos caminhando junto da Unidade de Educação Infantil, participando de debates, formações, seminários, consigo entender um pouco melhor algumas questões como: observação, registro, documentação, planejamento e avaliação na Educação Infantil; questões primordiais para nossa prática pedagógica. Tais assuntos vêm contemplados no Art. 10º das Diretrizes Curriculares para Educação Infantil de 2009.

Assim, durante os quatro anos que acompanho e faço parte da equipe da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, procurei elementos que de certa forma me inquietavam. Os caminhos que trilhei nas turmas da instituição, muitas vezes me fizeram perceber como as famílias eram e são distantes da escola. Digo isto, não pelo fato da escola não acolher as famílias, mas muitas vezes por falta de tempo ou por desconhecer a escola, as famílias se faziam ausentes do cotidiano e das rotinas, o que de certa forma me gerava um incômodo. Pois, de acordo com as DCNEIs (2009) e com todos os estudos realizados, a ampliação da participação das famílias é um desafio a ser superado por todas as creches e pré-escolas. Desta forma mais uma vez precisei de suporte teórico para que conseguisse concretizar um trabalho que acreditava ser importante, que era trazer as famílias para dentro da sala de aula.

Em 2014, ingressei no Curso de Especialização pela UFSM em Docência na Educação Infantil, que vem desde então me possibilitando repensar o saber e o fazer docente diariamente. Neste curso, tive a oportunidade de conhecer ótimos profissionais, que se dedicavam durante às aulas nos sábados para conseguir deixar um pouquinho de seus ensinamentos para nós alunos.

Agora ao término deste curso, vejo-me como uma pessoa privilegiada pelas enriquecedoras experiências, e aprendizagens, que um pouco do que sei hoje aprendi ao longo dessa trajetória, em noites sem dormir para dar conta de pesquisas ou trabalhos com prazos para serem cumpridos. Não me canso de dizer que nossa profissão precisa de eternos pesquisadores e sonhadores, pois somente assim, nossas crianças estarão dia a dia vivenciando novas experiências, deixando a rotina de lado e a cada entrada na sala, encontrando novos espaços, materiais, vivências e desafios e conquistas.

2. HOJE ME SINTO MAIS FORTE, MAIS FELIZ QUEM SABE, EU SÓ LEVO A CERTEZA DE QUE MUITO POUCO EU SEI, EU NADA SEI...

2.2 Histórico da Educação Infantil no Brasil.

Historicamente, as concepções sobre infância, crianças e Educação Infantil foram modificando-se ao longo do tempo, tudo isso devido as transformações ocorridas no cenário econômico, político, social e cultural em nossa sociedade ao longo dos anos.

Início este trabalho trazendo um pouco sobre a implantação de determinadas políticas públicas, que necessitaram ser fixadas para a infância. Vinculadas às diferentes esferas de atuação governamental, como a assistência social, a saúde e a educação.

Segundo o Parecer 20/2009, a construção da identidade das creches e pré-escolas inicia-se a partir do século XIX, quando estas começam a fazer parte da história das políticas de atendimento à infância, marcada até, então, pelas diferenças de classe social. Enquanto, a classe mais pobre necessitava vincular-se aos órgãos de assistência social, a classe burguesa outro modelo de diálogo se concretizava. Encontrava-se aqui o famoso binômio¹ do cuidar e educar que preponderou por alguns anos ainda. Essa diferenciação institucional na educação acarretava na fragmentação destes conceitos em espaços coletivos, no qual o entendimento do "*cuidar como atividade meramente ligada ao corpo e destinada às crianças mais pobre e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados*". (Parecer 20/2009)

As primeiras ideias de infância e Educação Infantil se baseavam na concepção de criança enquanto ser que precisava ser cuidado. As mães precisavam trabalhar fora para complementar a renda da família e necessitavam de um local para deixarem seus filhos. Esta ideia foi consolidada quando constantes mudanças passaram a fazer parte do nosso cenário

¹ Significado de "*binômio*" no *dicionário Aurélio* online de português: Expressão algébrica composta de dois membros unidos por sinal positivo ou negativo.

econômico, político e social do século XVII. É importante salientar que até o século XVII no Brasil, não existiam sequer escolas coletivas de atendimento à infância, em virtude de funções de socialização e educação serem compreendidas como restritas ao âmbito familiar.

Com a Proclamação da República em 1889, o Brasil começou a passar por um processo de grande modernização e industrialização. As mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho e as crianças não tinham para onde ir. Um dos fatores que contribuíram para a criação de espaços coletivos para as crianças foi a expansão do trabalho feminino na atividade industrial e no setor de serviços, assim, as mães trabalhadoras começaram a lutar por um espaço para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. Nesse momento de reviravoltas, houve a necessidade para a criação de espaços como creches e pré-escolas, para o atendimento de crianças cujas mães necessitavam trabalhar e eram desprovidas de espaços para deixar os filhos.

Neste mesmo século surgem descobertas científicas que evidenciavam o prolongamento da vida, isto é, estratégias para lidar com a mortalidade infantil, ao menos nas classes dominantes, desta forma a infância começa a tomar um novo rumo. O atendimento de crianças passou por diferentes períodos: como o da assistência aos mais carentes e necessitados, a assistência social e higienista às classes menos favorecidas. Todos estes cuidados com as doenças e a mortalidade infantil levaram a concepção de novos espaços que começaram a ser organizados para as crianças. Estes espaços encontravam-se dentro de asilos e orfanatos, com um objetivo de cuidar e higienizar as crianças devido ao alto índice de mortalidade infantil.

Esse elevado índice de mortalidade infantil, é ocasionado pelo surgimento das "mães mercenárias", que segundo Brandoli (2012), cuidavam de várias crianças possibilitando, assim, que as mães trabalhassem fora. Assim, observou-se que o número de mortalidade infantil teve grande aumento devido às péssimas condições de higiene nas casas onde as crianças ficavam.

Segundo Ariès citado por Kuhlmann (2015) afirma que até o fim do século XVIII existiu uma ausência do sentimento de infância. Quando, então, ocorre mudanças consideráveis para a mudança desta ideia.

Gélis citado por Ariès:

...devemos interpretar a afirmação do "sentimento da infância" no século XVIII — quer dizer, nosso sentimento da infância — como o sintoma de uma profunda convulsão das crenças e das estruturas de pensamento, como o indício de uma mutação sem precedente da atitude ocidental com relação à vida e ao corpo. A um imaginário da vida que era aquele da linhagem e da comunidade seguiu-se o da família nuclear. (Pág. 318)

Boto (2009), traz em sua escrita, está ideia de inexistência de infância citando Ariès:

Segundo Ariès, a Idade Média não conhecera o sentimento de infância ao qual os tempos modernos nos habituaram. Pode-se dizer apenas que a Idade Média identificava a criança mediante uma nítida representação da ideia de linhagem. (Pág. 124)

Diante de tais colocações, compreende-se que durante este período a criança não era sujeito de nenhum reconhecimento de sua especificidade infantil, apenas eram vistos como "seres portadores do germe da preservação familiar", (BOTO, 2009) e daí vem também a familiaridade perante os elevados índices de mortalidade infantil.

Assim, com o passar do tempo e das descobertas realizadas neste cenário social, fez-se necessário o surgimento das primeiras creches e pré-escolas. No Brasil, de acordo com Kuhlmann (2015), estes espaços se faziam necessários, já que deveriam representar a sustentação dos saberes jurídicos, médico e religioso no controle e elaboração da política assistencial que estava em vigor. Kramer citado por Kuhlmann (2015), aponta que no período inicial do atendimento pré-escolar tinha um caráter de atendimento médico e sanitário. Isto é, nestes espaços apenas interessava o cuidado com o corpo e saúde, abarcando aspectos como alimentação e habitação dos trabalhadores. É importante salientar que os profissionais atuantes nesses espaços não tinham formação pedagógica e sua atuação era restrita aos cuidados básicos de higiene e regras de bom comportamento.

Com a urbanização que crescente fez-se necessário que a mulher adentrasse cada vez mais no mundo da industrialização, tornando possível a criação de mais espaços como creches e pré-escolas. Esse fato certamente foi um dos grandes incentivos para a demanda das creches e pré-escolas, sendo assim surge também a necessidade de avanços em pesquisas, trazendo novas políticas de desenvolvimento e Educação Infantil.

Kuhlmann (2015), deixa evidente que a história das escolas pré-escolares não é uma sucessão de fatos que se somam, mas sim a “ (...) interação de tempos, influencias e temas, em que o período de elaboração da proposta educacional assistencialista se integra a outros tempos da história dos homens” (pág. 77). Desde, então, inúmeras pesquisas apontaram para a importância destes espaços, passando a ter uma concepção de Educação Infantil voltada à criança e para o seu desenvolvimento integral, com a ampliação de seus conhecimentos e elaboração de outros, evidenciando ainda qualidade em suas vivências e o trabalho concomitante do educar e cuidar que deverão estar indissociáveis.

Com todas estas mudanças no cenário da educação percebemos que algumas ideias ainda estão enraizadas, principalmente no que diz respeito as famílias dentro do contexto da Educação Infantil. Nesse sentido, é preciso reforçar que esta concepção vem sendo escrita pela história dos pais e docentes, pelo simples fato das creches ou pré-escolas serem destinadas ao atendimento de caráter assistencialista concedido às crianças sob a forma de alimentação, higiene e segurança física, muitas vezes sendo prestado de forma precária e de baixa qualidade pelos governos.

Assim, destaca-se alguns documentos que foram sendo elaborados afim de evidenciar o direito das crianças a infância e a educação. O documento que deu legitimidade à Educação Infantil foi a Constituição Federal de 1988, que reconheceu esta etapa de educação como direito fundamental da criança e como dever do Estado, o que vem sendo explicito pelo artigo 208, parágrafo IV:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (...) IV - Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006.

Sendo assim, ficou estabelecido em lei que a União deverá prestar assistência técnica e financeira aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios para garantir a equalização das oportunidades e padrão mínimo de qualidade para com a educação. Desse modo, a creche passa a ser reconhecida como instituição educativa (BRASIL, 2004).

Em 1990, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que trouxe uma série de avanços esclarecendo sobre a qualidade e o tipo de

tratamento que deve ser dado à infância e à adolescência. Ainda nesta trajetória vem a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira (LDB), promulgada em 1996, sob nº 9.394/96, no qual em seu Artigo 29, que coloca a Educação Infantil em seu patamar de importância social. Destaca também que o atendimento de crianças de 0 a 6 anos passa a chamar-se Educação Infantil, constituindo-se como a primeira etapa da Educação Básica. Tendo por finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, entre outros que passam por reescrita ou elaborações.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o trabalho pedagógico com as crianças de 0 a 6 anos passou a ter reconhecimento pela sociedade, mas não exatamente exercido. Ele ganha um amplo espaço no sistema educacional, sendo um dos seus objetivos atender às necessidades do desenvolvimento das crianças dessa faixa etária. No ano de 1998 foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Este referencial tem por objetivo apresentar um conjunto de referências e orientações pedagógicas.

Passado alguns anos concretiza-se à Política Nacional da Educação Infantil (2004) e os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (2006). Somados a isso o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), acrescentando este Documento ao conjunto de orientações legais para a Educação Infantil. Documentos estes que servem de referências para as novas construções de projetos políticos pedagógicos das escolas de Educação Infantil do país. (Brasil, 2004).

Neste momento, o docente passa a assumir um novo papel, o de mediador entre a criança e o mundo. Motivo pelo qual, a família passa estar mais presente neste processo da educação integral. Portanto, de acordo com a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional de 1996, a Educação Infantil passa a ser direito, e é obrigatória a existência de vagas na rede pública, para o ingresso das crianças de 4 e 5 anos de idade.

3. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado por meio da pesquisa qualitativa, que vem com o intuito de conseguir identificar como a família percebe sua importância da participação no contexto da Educação Infantil com crianças de 0 a 3 anos. Ainda dentro desta abordagem, optou-se pela pesquisa-ação, na qual acredita-se que ambas podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática.

Conforme Franco (2005), a pesquisa-ação tem sido muito utilizada, nos últimos tempos, de diversas maneiras, passando a compor um vasto campo de abordagens teórico-metodológicas, que nos instiga a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa. De acordo com a autora, tal forma de pesquisa, vem sendo realizada com a finalidade da melhoria da prática educativa docente.

Considera-se que a pesquisa-ação deve partir de uma situação social concreta a se modificar e, mais que isso, deve se inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa, e é exatamente a intenção neste trabalho, tentar uma transformação a partir de uma proposta com as famílias.

Voltando a discutir a metodologia, conforme Minayo (2013), a metodologia é:

(...) muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. No entanto, nada substitui, a criatividade do pesquisador.

Minayo (2013), esclarece que esse tipo de pesquisa deve acontecer em três etapas, a fase exploratória que consiste na produção do projeto e de todos os procedimentos que irá se utilizar para fazer a entrada no campo. A segunda etapa, é o trabalho de campo que é levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Nesta fase ainda é o momento das observações, entrevistas, questionários, o levantamento do material documental, isto é, os registros de sala com fotos e filmagens. Minayo ainda defende que este ciclo de pesquisa qual é intitulado por ele estas etapas, não

se fecha, "(...) pois toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas" (pág. 27).

Na terceira etapa, considera-se a análise e tratamento do material empírico e documental, que se resume no conjunto de procedimentos que se irá compreender para interpretar os dados empíricos, articulados com a teoria que as fundamentou o trabalho.

Assim, esta pesquisa foi desenvolvida na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo durante o período de setembro a dezembro de 2015. A turma escolhida para a realização deste estudo, foi a turma na qual atuava como docente. A pesquisa foi desenvolvida a partir de aplicação de questionários com oito famílias, cujos filhos fizeram parte da Turma Amarela, na UEIIA.

Ao falar sobre a pesquisa realizada não pode-se deixar de mencionar como está foi pensada e idealizada. É importante salientar que quando nos referimos à pesquisa qualitativa em um determinado espaço a observação participante surge como uma necessidade de construir novos conhecimentos que podem levar-nos a uma maior compreensão do que se pretende discutir durante o trabalho.

Segundo Ludke e André (1988) , Uma das vantagens da utilização dessa técnica é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que atribuem à realidade e às suas ações.

Desta forma, ao estar junto as crianças e suas famílias conseguiu-se observar quais eram as fragilidades das famílias, suas angústias e alegrias, podendo a partir deste momento tentar resignificar este espaço que agora com a culinária eles conheceram mais afundo, identificando o trabalho realizado por todos profissionais que deste espaço fazem parte, conseguindo entender que existe uma rotina, que tudo o que é feito é planejado e dialogado anteriormente.

4. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Minha proposta junto a outra colega de turma, se iniciou pela forte atenção em que tínhamos em nossa turma em relação as crianças e aos pais, ambas achávamos e concordávamos que era preciso propor alguma ação para que a participação das famílias fosse mais ativa, mais sensibilizada, mais colaborativa.

A aprendizagem colaborativa perpassa a superação do paradigma da educação tradicional, aquela baseada na repetição e reprodução do conhecimento, o qual considera a criança um indivíduo passivo no processo de construção do conhecimento. Assim, ao falar-se de participação mais colaborativa, entende-se que os pais também não devem estar somente como sujeitos passivos neste processo de aprendizagem de seus filhos, mas sim ativos e atentos a tudo o que acontece e tendo autonomia para participar, dar sugestões, críticas, etc.

Torna-se evidente diante desta ideia, que a criança precisa ser compreendida como um sujeito de direito, ativa em suas ações e opiniões, no entanto por vezes ainda não é vista como protagonista de seu processo de aprendizagem. Por vezes o docente acaba delimitando barreiras e formas de organização como nós adultos acreditamos ser o correto, deixando de olhar para a própria criança, desacreditando em suas potencialidades.

Desta forma se torna necessário mais uma vez entender e transpor para práxi a pedagogia da escuta, qual Malaguzzi citado em Rinaldi (2014) nos deixa evidente nas escolas de Réggio Emília na Itália, acreditar e dar voz e vez as crianças, é o que educação mais requer neste momento, tornar as crianças atores de suas vivências e experiências em vez de meros ouvintes. Precisamos compreender que uma participação efetiva e protagonista é alcançada somente quando o grupo é ativo, onde se expressam ideias e se tomam decisões, incluindo as opiniões de crianças, e docentes. Isso significa não ser simples espectador, mas sim atores do próprio futuro.

Compreender a criança como protagonista remete-nos a entendê-la como sujeito ativo, de direitos e produtora de cultura. Desta forma, acredita-se que a Educação Infantil é um espaço, no qual a criança é protagonista em suas

relações e trocas com os demais sujeitos, que as possibilita viver experiências ricas e diversificadas em suas interações seja no âmbito cultural, social e histórico.

Ao falar-se de protagonismo, Fortunati (2014) afirma :

A ideia de que o protagonismo das crianças não seja apenas um conceito para evocar, mas um potencial em torno do qual proporcionar condições e oportunidades também leva à conclusão de que o dever de testemunhar este protagonismo deve ser a meta principal da pedagogia da primeira infância. (Pág. 19)

Com toda esta discussão teórica e conceitual, acreditamos que tal teoria precisa ser entendida como parte integrante de nossa prática, e acreditar na criança durante todo o seu desenvolvimento. Desta forma, nossa proposta na Turma Amarela, foi pensando em acolher as falas das crianças e acima de tudo trazer as famílias para mais perto da instituição. Assim, foi escrita uma carta para as famílias, explicando o projeto que iria ser desenvolvido na turma, colocando nosso tema "Culinária na Turma Amarela". Estava-se ciente que poderia se ter um número considerável de famílias contra e a favor, mas aí seria preciso estabelecer um diálogo cujo objetivo seria explicar nossa proposta. Inicialmente teve-se uma negação, as famílias ficavam receosas por causa dos horários, algumas ainda falavam sobre suas aulas, trabalhos, tarefas diárias que poderiam impedir a vinda a escola.

Foi possível observar que no início a ideia não era muito bem vista por outros colegas que achavam tal proposta uma loucura, trazer os pais para sala, as crianças iriam se agitar, a culinária iria demorar, e assim inúmeros empecilhos que pudessem barrar essa experiência. Mesmo assim, foi explicada às famílias a importância de tentar realizar a experiência, pois já havíamos começado com uma primeira culinária dentro da turma: um bolo que todas as crianças já haviam participado e assim, conseguiu-se observar a importância do coletivo dentro do grupo e de todos estarem ajudando em sua construção. Sinalizando a importância de se trabalhar em grupo e compartilhar momentos e experiências.

A partir deste comunicado, começamos a receber as solicitações de famílias que gostariam muito de participar de tais momentos, e assim seguiu-se nosso trabalho. Em cada visita, tínhamos uma acolhida diferente, a ansiedade

percebida tanto da família como da criança era evidente. O entusiasmo, a alegria de ter seu pai ou mãe ali junto, realizando algo junto ao grupo era algo imensurável, que palavras muitas vezes não souberam traduzir. Perceber o jeito como era conduzido este momento pela família era algo muito enriquecedor, pois naquele momento eles se davam conta de como nosso trabalho em sala era conduzido, ou exercido.

Finalizar este trabalho junto ao grupo foi maravilhoso, infelizmente não tivemos total participação de todas as famílias, conseguimos realizar tal proposta com 8 famílias das 15 que tínhamos ao total. O que se pode neste momento, é agradecer a oportunidade de conhecer um pouco mais as famílias que puderam se envolver nesta caminhada e ver o quão gratificante foi para cada uma das pessoas envolvidas, seja adultos ou crianças.

Rinaldi (2014), destaca que conhecimento é construído pelas crianças por meio das atividades, com experimentações direcionadas e livres. Acredita-se assim, que seja de extrema importância proporcionar momentos em que as crianças possam estar sendo protagonistas de suas ações. Ampliar experiências é acreditar na capacidade de criação das crianças, possibilitando a elas novas vivências e novos materiais.



Foto n. 01
Culinária Bolo de cenoura
Fonte: Arquivo da Autora



Foto n. 02
Culinária Bolo de Cenoura
Fonte: Arquivo da Autora

Ser docente é muito mais que estar em uma sala de aula com inúmeras crianças e construir conhecimento. Ser docente perpassa as paredes deste espaço que é a escola, é ter em mente a criança como foco do trabalho, entender que a Educação Infantil é um espaço que deve ofertar experiências e descobertas para as crianças, compreender esta como um sujeito ativo e de direitos.

Assim, é tarefa do docente estimular e oportunizar o desenvolvimento integral da criança, para propiciar ampliação e aquisição de conhecimentos individuais e coletivos, que contribuem na educação e formação de cidadãos éticos, autônomos e reflexivos, e para isso acontecer é preciso que este professor tenha um olhar sensível e uma escuta atenta para as crianças, conseguindo realizar uma observação, um planejamento, um registro, uma documentação, e por fim a sua avaliação que englobará todos os demais itens citados anteriormente.

Partindo destas discussões não se pode deixar de mencionar outros pesquisadores como Barbosa (2012), Focchi (2012), Malaguzzi (2015) e Fortunati (2009), que abordam em suas escritas a importância deste olhar do professor perante as crianças, compreendendo-as como protagonistas no processo pedagógico,

Barbosa e Fochi, 2012, citam Malaguzzi, quando este traz sobre este ser criança:

Crer numa criança ativa, não quer dizer uma criança hiperestimulada, mas sim, adotar a ideia de que desde o nascimento, a criança está apta e interessada em interpelar o mundo, em agir. E para o adulto, o

desafio está em saber escutá-la, para não deixá-la perder este desejo que interpelar o mundo, auxiliando no que for necessário, aproximando daquilo que é distante, apresentando-a para o mundo. (Pág. 6)

Desta forma seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) é preciso possibilitar as crianças momentos para exercer sua capacidade de criar, desvendar, imaginar, e para isso é imprescindível o docente explorar a diversidade nas experiências que lhe são oferecidas dentro de uma instituição de Educação Infantil.

Portanto, a culinária vem a ser um ponto chave a ser pensado pelos docentes de Educação Infantil, dar a possibilidade para as crianças acompanharem a transformação dos alimentos no decorrer do preparo é proporcionar momentos de magia, fantasia, e imaginação. Momentos esses que precisam ser registrados e analisados, ajudando na avaliação tanto da participação das crianças quanto do docente.

Na foto abaixo, segue o momento em que as crianças demonstram total atenção ao preparo da Culinária realizada pela docente, ao ver o que sai dentro daquela casca de ovo, é muito enriquecedor, "*amarelo*", olhares que por vezes não conseguimos traduzir, a experiência com o novo, com o desafiador, é esse o papel que a Educação Infantil assume.



Foto n. 03
Culinária Bolo Formigueiro
Fonte: Arquivo da Autora

Assim, faz-se imprescindível que se compreenda a importância do registro como parte integrante desse trabalho, tornando este parte da documentação pedagógica, para se registrar cada detalhe de propostas tão enriquecedora das crianças. Segundo Rinaldi (2014), o docente necessita

dispor de uma ampla variedade de documentação como: vídeos, gravações, notas por escrito, entre outros, produzidos e utilizados para tornar visíveis os processos de aprendizagens das crianças e as estratégias utilizadas.

Sendo assim, é visível a importância do registro diário dentro do ambiente escolar, possibilitando ao docente refletir e avaliar suas práticas pedagógicas, se está realmente contemplando as crianças e seus objetivos. Bem como, ter um olhar para as experimentações das crianças, em como estas interagem no espaço, e suas relações entre criança-criança e adulto-criança.

Seguindo esta ideia, o projeto da Culinária na Turma Amarela, teve muitos registros, principalmente fotográfico. Ao término do projeto, conseguiu-se construir um livro contemplado todas as nossas visitas e suas participações, baseado em todos os registros coletados durante este processo.

4.1 A família vista pela sociedade atual...

Nossa sociedade vem passando por constantes mudanças e transformações, e assim ao mencionar o termo família não se pode deixar de também mostrar que este passa também por mudanças ao longo dos anos.

A família, demonstrou uma habilidade muito grande para resistir e se adaptar a esse processo rápido e profundo de transformação social, e para colocar em prática essa flexibilidade hoje não podemos mais generalizar esse termo. Mais do que nunca, temos de falar de família e não mais dá família. Isso é, hoje sabemos que não existe mais um modelo padrão de família em nossa sociedade, mas sim diversas constituições de família, isso, decorre devido os crescentes e complexas variedades e formas de constituição familiar.

A diversidade dos lares é a forma mais visível de toda esta transformação, lares formados por uma única pessoa (jovem ou velho), famílias nucleares, aquelas que após a separação o filho acaba indo morar com o pai ou mãe. Lares em que os filhos adultos vivem juntos com os pais, principalmente devido as dificuldades de habitação, famílias constituídas pelos avós sejam velhos ou mais novos.

Assim, analisar a e interpretar a fenomenologia das famílias que tem um filho pequeno seria um exercício grandioso e interessante, afinal o que representa ser um pai ou uma mãe, o que é diferente, trabalhar fora ou ficar em

casa? Questionamentos estes que não existem respostas certas ou erradas, mas que são construídas com base em cada história ou composição familiar.

Segundo RINALIDI (2014), não existem pai ou mãe, existem pais, ou pessoas que também são pais e que merecem o crédito por terem sensibilidade e preocupação educativa em relação ao filho(a). Embora, algumas vezes não as expressem ou nós não conseguirmos notá-las. Portanto, consideramos de extrema importância aprender a enxergar as necessidades explícitas e implícitas dos pais, para assim, dar a eles novas e efetivas respostas.

4.2 Escola x família

Seguindo este viés ao falar de Educação Infantil é necessário entender que ela é considerada a primeira etapa da educação básica, onde é imprescindível articular o cuidado e a educação, tornando-os como algo indissociáveis, contudo ainda em ação complementar à família e da comunidade, promovendo o desenvolvimento integral da criança e garantindo seus direitos e de suas famílias.

Segundo Monção (2013), o compartilhamento desta educação e cuidado entre os docentes e familiares é elemento chave para o sucesso da qualificação e democratização da Educação Infantil. O entendimento deste elemento é considerado primordial e precisa ser discutido entre as escolas e creches de nosso país. Falar deste compartilhamento é compreender que ao se deparar com a família dentro das escolas as crianças vão estar ampliando sua visão sobre este assunto, se deparando com as novas configurações familiares e ainda se envolver neste contexto de socialização que é a Educação Infantil se tornou.

É importante salientar que dentro das escolas de Educação Infantil os docentes, bem como gestores, colaboradores, buscam a todos instantes garantir os direitos e necessidades das crianças, mas para isso de fato acontecer é preciso um permanente diálogo entre os adultos responsáveis pela educação e as famílias. Somente desta forma é possível compreender cada contexto e realidade que se encontra dentro de uma sala de aula, muitas vezes

conhecendo um pouco mais sobre cada família pode-se enfrentar dificuldades que talvez surjam ao longo do caminho como ansiedades, frustrações, medos, etc.

Entretanto, apesar da importância dessa interação, este é um dos aspectos mais delicados e complexos que permeia o cotidiano das escolas de Educação Infantil e desencadeia conflitos permanentes. Conflitos estes que surgem por um questionamento, por uma sugestão e acabam sendo mal interpretados pelos próprios docentes ou familiares consequentemente. Definir objetivos comuns e partilhar experiências é um desafio diário entre docentes e familiares, afinal precisa-se ter em mente que o objetivo principal é a criança, seu bem estar e seu desenvolvimento, exatamente como orientam as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2009), compreendendo assim a importância deste diálogo constante.

Segundo Rinaldi (2014), o diálogo é fundamental, e é preciso entender este não só como troca, mas também como processo de transformação em que se perde totalmente a possibilidade prever o resultado final, e sim desencadear inúmeras possibilidades. No que se refere às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), este documento deixa claro sobre o atendimento integral dos direitos da criança, como já se vem explicitado ao longo do texto.

Os estudos italianos de Fortunatti (2014) e Rinaldi (2014) relatam experiências das escolas de Réggio Emília e San Miniato, que compreendem que a participação da família não deve ser uma escolha a ser feita, mas sim parte da identidade de dos *nidos*², já que entendem ser direito das crianças ficarem ao lado de seus pais. A identidade do *nido*, depende especificamente das relações de comunicação no qual a participação ativa dos pais (tanto social como administrativamente) é considerada parte integrante da experiência educacional.

Rinaldi (2014) deixa claro a importância da família do contexto escolar:

(...) precisamos compreender como professores é que o relacionamento com as famílias traz vantagens enormes em termos de enriquecimento profissional que pode promover, a confiança

² Conforme Rinaldi (2014), Nido, é uma palavra de origem italiana, que identifica cada centro educacional para primeira infância, frequentado por crianças de 0 a 3 anos de idade.

fortalecida, além de ser uma possibilidade de superar a solidão, a frustração e a desorientação que algumas vezes torna nosso trabalho mais difícil(...) ,pág. 81.

Parece óbvio que essa participação vem a somar dentro do contexto escolar, tanto para os docentes como para as crianças e famílias. Ao adentrar neste contexto a família consegue criar novas experiências com os próprios adultos e crianças, assim passa a recriar a imagem de escola, compreendendo alguns movimentos, regras, propostas que antes não era tão conhecidas.

Assim, parece uma necessidade de docentes e famílias construírem relacionamentos que alicercem um atendimento de qualidade e a assunção de toda sociedade quanto à responsabilidade na educação das crianças pequenas, considerando Educação Infantil um projeto da comunidade, não só da escola em si. Não se pode esquecer, entretanto que há um grau de resistência muito grande por parte dos docentes quando se fala da participação da família em projetos, ou visita deste nas salas. Conforme, Rinaldi (2014), este fato se dá devido a falta de autoconfiança, decorrente algumas vezes de baixa autoestima. Ainda pode se ter dificuldade, ou uma rejeição a priori, de trabalhar em horários que nem sempre são adequados a vida profissional, e ainda um corpo administrativo que não seja capaz de perceber claramente a identidade da docente, realizando comparações com outras docentes.

Estes são alguns fatores que podem interferir na equipe pedagógica para realizar trabalhos com as famílias. Mas não se pode esquecer também que a família em si, algumas vezes demonstra resistência para chegar neste contexto, seja por dificuldades de organização, mas também de exigências que o mundo do trabalho traz, fazendo-os não encontrarem horários flexíveis para comparecer a escola. (RINALDI, 2014) Ao falar-se de compartilhar, de diálogo, não se pode deixar de remeter-se a escuta tanto da criança como do adulto. É importante pensarmos que por trás do ato da escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse, há sempre alguma emoção. Afinal, escuta é emoção, é um ato originado por emoções e que estimulam emoções. Ao se pensar sobre a participação da família dentro do contexto escolar a escuta é um meio que mais será utilizado, deve ser compreendida como premissa de qualquer relação de aprendizagem,

é assim que dentro da UEIIA, compreende-se todo este movimento de escuta com as famílias.

Desta forma garantir a escuta da criança e da família, é uma das funções primordiais da documentação, com documentos que testemunhem e tornem visíveis os modos de aprendizado dos indivíduos e do grupo como um todo.

Para Rinaldi, 2014:

(...) na experiência de Réggio, o relacionamento escola/família não é nutrido apenas como um relacionamento individual entre pai/mãe e docente, e também não é um relacionamento de subordinação no qual o docente diz ao pai/à mãe o que se deve saber, o que é certo e errado. Ao contrário, trata-se de uma jornada comum para construir juntos - pais e docentes - os valores e os modos de educar na sociedade contemporânea dentro e fora da escola (pág. 166).

Portanto, o papel do docente é dar instrumentos e oportunidades visíveis, que lhes permitam refletir, legitimar e dar significado ao protagonismo e as competências apresentadas por seus filhos. Reconhecer a criança, em sua integralidade, como um compromisso de todos e não apenas da família pressupõe ter como base o diálogo e a negociação, conhecendo as famílias e suas expectativas, na trilha de uma cultura de partilha de ideias e experiências a respeito da educação da primeira infância. De acordo com Malaguzzi citado por Rinaldi (2014) "sair de baixo desse grande cobertor de conformismo e passividade e redescobrir o desejo de pensar, planejar e trabalhar junto" (pág. 107).

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao tratar sobre o assunto família e escola, muitas vezes como já colocado durante o decorrer do texto, encontramos lacunas, onde familiares por vezes se firmam afastados do espaço escolar, e docentes não se deixam acolher estes por fim, mas aqui se trouxe como ponto chave para o desenvolvimento infantil a participação do pais na escola de Educação Infantil.

Não podemos deixar de falar que dentro deste espaço da Educação Infantil alguns outros pontos também são essenciais para o desenvolvimento das crianças como o relacionamento com os docentes e funcionários da escola, sua interação com as outras crianças, tudo de se constitui em fatores determinantes para o desenvolvimento integral da criança dentro deste espaço. Mas neste trabalho buscou-se analisar e objetivar como é vista a participação dos pais na educação das crianças de 0 a 3 anos de idade. Desta forma, percebe-se que a vida familiar e a vida escolar devem ser simultâneas e complementares, isto é, uma precisa complementar a outra, juntas caminhando para um único objetivo, o bem-estar das crianças.

Ao propor o Plano de Ação com está temática, acredita-se firmemente que a parceria família/escola vem abarcada de benefícios em relação não só ao processo educativo, mas para além, vem tecendo também um diálogo referente a troca de informações acerca da criança, seja referente ao desenvolvimento da criança na escola ou em casa. Ou seja, essa interrelação possibilita compreender atuação da criança tanto em casa como na escola, suas condutas e as relações que estabelece com suas famílias.



Foto n. 04

Culinária bolinhos de espinafre

Fonte: Arquivo da Autora



Foto n. 05
Culinária Cachorro Quente
Fonte: Arquivo da Autora

Diante deste plano de ação que foi desenvolvido como forma de finalização do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, optou-se por que buscar formas de compreender e refletir acerca do tema, pensar qual é a importância da participação da família no contexto da Educação Infantil com crianças de 0 a 3 anos. A partir disso articulou-se tal pesquisa junto ao trabalho diário frente a uma turma com crianças de 1 a 2 anos de idade, dentro da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo - UFSM.

Para compor este plano de ação, buscou-se ainda um registro em forma de questionário com algumas famílias envolvidas no plano. Assim, analisou-se as seguintes respostas dos questionamentos: Quantos anos tem seu filho(a)? Desde que idade ele frequenta escola? Atualmente a escola de seu filho(a) acolhe as famílias? De que forma? Como você percebe a relação entre a família e a escola? Sua família participa das atividades realizadas pela escola? Com que frequência? Você acredita que a ausência da família na escola pode causar algum problema no desenvolvimento das crianças? Porquê? Como a família contribuí para o desenvolvimento da criança na escola, conhece docentes, diretores, coordenadores? Você acredita na participação da família para o desenvolvimento escolar de seu filho(a)? Dê que forma? Porquê? Como

foi participar do projeto Culinárias da Turma Amarela no ano de 2015? Como você percebeu esta proposta?

Com este estudo espera-se contribuir para a reflexão sobre a importância do envolvimento da família com a escola, e mostrar o tão gratificante se torna para os pais tais momentos que são acolhidos e chamados para participar junto as crianças. Espera-se ainda que este tema possa ser discutido pela importância que tanto a escola como a família exercem na formação do indivíduo.

Os resultados desta pesquisa apontam que a relação escola/família é imprescindível para o desenvolvimento da criança, pois a criança que tem um acompanhamento efetivo da família se sente muito mais valorizada e segura.

Considero fundamental a participação e acompanhamento da família, em conjunto com a realização das atividades escolares. Certamente uma criança acompanhada pela família terá um desenvolvimento com auto-confiança, segurança e maior autonomia.(Família X)



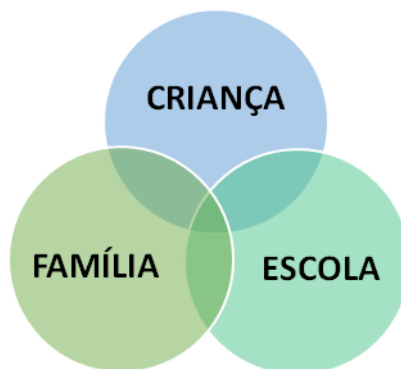
Foto: 06

Culinária Sanduiche de Frango
Arquivo da Autora

É necessário ainda criar mais estratégias para envolver as família com a vida escolar de seus filhos, valorizando esta participação, ou seja, a participação destas famílias não pode ficar apenas para reuniões esporádicas

ou eventos comemorativos é preciso abrir as portas da escola para que as famílias possam participar ativamente do dia-a-dia, ouvindo o que eles esperam da escola, buscando superar as dificuldades enfrentadas, demonstrando que elas são importantes para a escola e para o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos, tais ações demandam paciência e conhecimento por parte dos profissionais, já que sabemos o quanto isto ainda é fragilizado dentro das escolas.

Conforme Albuquerque (2010), é necessário ter claro que a Educação Infantil tem como objetivo principal complementar a educação da família, portanto, é uma educação que se dá no coletivo, por meio das múltiplas interações sociais criança/criança e criança/adultos. Como espaço coletivo de cuidado/educação, a instituição deverá promover experiências enriquecedoras, elaboradas por profissionais qualificados; sendo assim, compreende-se que há diferenciações na qualidade destas interações. (Pág 141). Assim esta parceria precisa ser entendida com uma tríade que necessita ser vista e respeitada por todos que estão envolvidos.



As relações entre família e escola devem estar submetidas a um projeto elaborado por estes dois segmentos, com isso, é necessário que nós docentes da UEIIA, estejamos abertos para receber esta comunidade, com isso, os horários de atendimento precisam ser flexíveis e de acordo com as necessidades das famílias, os projetos também precisam ser construídos juntos, as famílias devem estar incluídas, e foi isso que aconteceu durante todo o projeto desenvolvido dentro da UEIIA com as famílias da Turma Amarela.

Cabe pensar como estabelecer estratégias que vão ao encontro da proposta hoje existente, trazer a família para escola, e foi isto que este projeto conseguiu oportunizar na prática, a família dentro da escola, da forma mais

participativa que encontrou-se. A família vindo brincar, a família vindo como seu filho interage com as demais crianças da turma, bem como as demais crianças interagem entre os pares. Buscou-se acolher cada família com suas especificidades, em seus momentos, com suas falas. Buscou-se articular-se para que eles pudessem se sentir parte deste espaço que era a UEIIA.

Embasada pelos estudos de Albuquerque (2010), mais uma vez salienta-se que as relações da escola com a família geralmente são marcadas por eventos, comemorações como o dia das mães, dia dos pais, brevemente a entrada e saída da escola. Devido a isso, ao notar-se que estes momentos já não são mais suficientes é que buscou-se pensar em algo nesta turma, qual realmente buscou-se a integração dos pais com a escola.

Segundo Albuquerque (2010):

A Educação Infantil, caracterizada pela especificidade do momento de desenvolvimento das crianças, precisa incluir no projeto educativo possibilidades e estratégias de encontro e diálogo entre as lógicas familiares e escolares. A educação, como um investimento e como uma possibilidade de ser mais, quando compartilhada pelas famílias numa instituição, abre a possibilidade de tornar as crianças membros ativos na comunidade, e a comunidade responsável pelas crianças. (pág. 153)

Nesta perspectiva buscávamos dialogar diariamente com as famílias para compreender um sobre seu posicionamento frente a está proposta de vir a escola e ter um momento de estar junto a todos da turma. Em muitos momentos sentimos que haviam certo receio ou até mesmo medo de estar junto a todos, pensando em tamanha bagunça que poderia acontecer, outros já se depuseram na mesma hora, acreditando que era possível e enriquecedor. Afinal estar junto as crianças e possibilitar e elas provarem de um prato feito pelos pais, não haveria prazer maior.





Foto: 07

Culinária: Panquecas de espinafre

Arquivo da Autora

Nas fotos acima aparece mais uma família realizando a proposta com a turma, nelas conseguimos acompanhar uma Mãe, mostrando as crianças os ingredientes que iriam neste prato e as crianças observando seu cozimento. Logo em seguida na sequência de fotos, observamos algumas crianças sentindo a temperatura com uma bolsista da turma, é notável a alegria ao estar sendo possibilitada esta nova experiência.

Conforme Albuquerque (2010), o papel da Educação Infantil é complementar a educação da família, pensar em uma educação que aconteça, por meio das múltiplas interações sociais criança/criança e criança/adultos. Assim, nosso papel como docente deste espaço é promover experiências enriquecedoras, compreendendo que há diferenciações na qualidade destas interações (pág 141)

Compreendemos que a Educação Infantil, é caracterizada pela especificidade do momento de desenvolvimento das crianças, e está precisa incluir no projeto educativo possibilidades e estratégias de encontro e diálogo entre as familiares e escola. Mais do que isso, é entender a educação, como uma possibilidade de *ser mais*, quando compartilhada pelas famílias. Devido a

isso, dentro da UEIIA, buscou-se abrir a possibilidade de tornar as crianças membros ativos , junto as suas famílias.

Abrir as portas, é estar aberta à infância e a toda potencialidade de sua história, de sua cultura e de suas famílias. Assim, este trabalho procurou trazer evidenciar as famílias como protagonistas e não somente as crianças, e mais uma vez, conclui-se que, na formação de professores, é necessário construir uma pedagogia do encontro, promovendo situações relacionais e compartilhadas

Afonso e Figueiras, citado por Albuquerque (2009), traz que compreender as relações e interdependências entre o universo escolar e familiar, é de estema importância no universo da educação de crianças pequenas. É necessário enxergar a partir da diversidade não apenas os pontos de fragilidade, mas a riqueza de respostas encontradas pelos grupos familiares, dentro de suas culturas, necessidades e projetos.



Foto: 08

Culinária Torta Salgada
Arquivo da Autora

Ao analisar as questões respondidas nota-se que as famílias acreditam que é fundamental que os pais participem da vida escolar de seus filhos, de forma a conseguirem dar todo o apoio que eles necessitam no seu crescimento escolar.

(...) a escola não é um "deposito" de crianças. Que só serve par as aulas normais. Deve-se frequentá-la para saber da vida da criança, suas expectativas, seu desenvolvimento acompanhar (...) (Família Y)

Com as palavras das famílias, nota-se que a escola é um local onde os pais confiam a educação dos seus filhos e encontram nela um tipo de apoio para as situações que poderão ocorrer dentro dela, demonstrando ser um elemento indispensável para os pais.

Segundo Picança (2012):

A família é o primeiro suporte vital que temos nos primeiros anos de vida, é nela que temos que nos apoiar e conseqüentemente teremos que apoiar, pois cada elemento da família (seja ela grande ou pequena), necessita do nosso apoio, da nossa companhia, do nosso carinho, da nossa sabedoria, da nossa alegria, das nossas palavras de conforto, resumindo, é na família que está todo o equilíbrio que o ser humano necessita à boa integração na sociedade e fundamentalmente à sua sobrevivência.

Portanto, é preciso pensar cada vez mais na necessidade da escola estar em sintonia e parceria com a família, devido ao fato da escola ser uma instituição que complementa a família e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência e bem estar de todos.

Assim, trago um excerto de um questionário, no qual a questão consistia em falar sobre como foi a participação do Projeto Culinárias da Turma Amarela e como foi percebida tal ação:

Adorei a proposta. Muito desafiadora! Aliás as atividades da escola são muito enriquecedoras, pois estimulam os pais a participarem mais da vida dos seus filhos no ambiente escolar. Não é fácil, confesso ser "professora" durante algumas horas das crianças, mas eles se mostraram bastante interessados. Continuem assim! (Família Y)

Conforme ainda analisadas as respostas de algumas famílias, compreende-se que a relação da escola e família necessita ser de respeito mútuo, o que significa garantir as possibilidades das famílias exporem a suas opiniões, ouvirem e dialogarem com os docentes sem receios de serem

criticados. Essa parceria necessita um colocar-se no lugar do outro, sempre pensando no bem estar das crianças e respeitando-as.

Assim, o objetivo mais relevante desta proposta foi tentar entender e compreender o papel da família nesta construção de parceria com a escola. Portanto percebeu-se que é imensurável tal participação, que através desta consegue-se ampliar os vínculos entre os docentes, crianças e família. Notou-se ainda que muitas famílias alegam que poderia haver mais participações das famílias, até mesmo para análise de mudança, quando houver algo dentro da instituição.

Acredita-se que o desejo da escola seja a família mais próxima dela, para enfrentar as atuais dificuldades que são encontradas diariamente dentro deste espaço, as intencionalidades e inseguranças, somente assim teremos está parceria tão desejada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa-ação decorre de dois aspectos fundamentais da minha vida profissional. O primeiro é resultado de várias reflexões sobre a trajetória profissional como docente infantil ao longo de 4 anos de caminhada, e o segundo é perceber como a família e a escola se interligam para um único bem que é a criança.

Nesse contexto escolar, consegue-se perceber que a relação família-escola caminha a passos lentos, sabe-se que dentro das escolas escolar e o espaço familiar se unem por meio de um único objetivo em comum, formar integralmente sujeitos ativos e autônomos, garantindo seu desenvolvimento total, sendo capaz de pensar e exercer suas funções sociais.

Todo minha caminhada profissional é voltada para o interesse nessa temática que envolve as famílias, numa primeira fase trabalhando com base na observação e logo em seguida trazendo elas e envolvendo-as dentro da escola sempre que possível.

O problema aqui em estudo vem a completar e tentar encontrar algumas respostas relativamente sobre a importância da família dentro da escola, onde se tenta compreender a relação existente entre a escola com a família e quais as implicações que esta parceria tem para as crianças dentro da escola.

É de suma importância que não se tenha distância entre família-escola, pois ambas têm a criança como foco do trabalho, sendo esse o principal e único objetivo.

Segundo Post e Hohmann, 2003:

Embora as parcerias educadores - família levam o seu tempo e esforço até serem estabelecidas, todos beneficiam. Em conjunto, pais e educadores recolhem, trocam e interpretam informação específica sobre as ações, sentimentos, preferências, interesses e capacidades, sempre em mudança da criança. (pág. 329)

Percebe-se assim, que esta participação das famílias sempre vai existir e existiu dentro da escola, mas com algumas diferenças, quais alguns pais participam mais do que outros. E por vezes, a postura dos docentes frente à essa falta de participação poderá ser compreendida como algo normal, como se incomodasse ou interferisse no comodismo da sala de aula caso estivesse

sendo exercitada ativamente. Desta forma, agora é pensar como os docentes, entendem essa participação e será que querem?

Portanto durante todo o decorrer desta pesquisa, o objetivo foi perceber a importância da família dentro da escola, e para isso acontecer se acredita ser de extrema importância a parceria dos pais com a escola, isso não quer dizer obrigá-los a concordar todas as regras da instituição, mas pensar possibilidades e estratégias para essa relação, com base em trocas e negociações, sendo o diálogo o meio mais eficaz de se fazer esta parceria acontecer.

Espero que esta pesquisa possa ainda ter seguimento, possibilitando inúmeras discussões sobre esse tema. E, assim, para aquele que acreditam nesta parceria família/escola, que procurem construir mais momentos de vivências com muito trabalho e força de vontade para de fato efetivar a participação dos pais na escola.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Educação das Crianças Pequenas: da lógica cultural e familiar às políticas públicas**. 2010. Disponível em: seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/13073/10273, retirado em: 29/09/2016

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1981

ARIÈS, Philippe & Chartier, Roger (orgs.) **História da vida privada, 3: da renascença ao século das luzes** / organização roger chartier; tradução hildegard feist. — são paulo: companhia das letras, 2009.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira.; FOCHI, Paulo Sergio. **O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequena**. Anais do IX Anped Sul 2012

BARRETO, Angela Maria Rabelo Ferreira. **Situação atual da Educação Infantil no Brasil**. In: MEC/CEF. Subsídios para reconhecimento e funcionamento da Educação Infantil. Brasília, 1998.

BOTO, Carlota. **Civilizar a infância na Renascença: estratégia de distinção de classe**. Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 2, p. 119-140, jan./jun. 2009. Disponível em: seer.ufs.br/index.php/revtee/article/download/2208/1879

BRANDOLI, F.M. **Educação Infantil: a inversão da dicotomia entre o ensino público e o privado**. Revista Educação por Escrito – PUCRS, v. 2, n. 1, jun. 2011

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CEPPI, Giulio, ZINI, Michele. **Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a Educação Infantil**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**: Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível. 2014.

FORTUNATI, Aldo. **A Educação Infantil como projeto da comunidade:** crianças, docentes e pais nos novos serviços para a infância e a família: a experiência de San Miniato. Tradução ROSA, Ernani. Porto Alegre: Artmed, 2009. 204 p. Marta Regina Paulo da Silva.

FRANCO, **Maria Amélia Santoro**. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HORN, Maria Da Graça.; FOCHI Paulo Sergio. **A organização do trabalho pedagógico na educação infantil**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/otp_educacao_infantil.pdf , retirado em: 20/10/2016

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

KUHLMANN Júnior, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica/** Moysés Kuhlmann jr. - 7.ed. - Porto Alegre: Mediação, 2015.192p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: 1988

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. **Gestão democrática na Educação Infantil: o compartilhamento da educação da crianças pequenas**. -São Paulo, 2013.

PICANÇO, ANA Luísa Bibe. **A relação entre escola e família - As suas implicações no processo de ensino e aprendizagem**. Relatório de Mestrado apresentado na escola superior de educação João de Deus. Lisboa 2012. disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf> , retirado em 28/07/2016

POST, Jacalyn, e HOHMANN, Mary (2003): **Educação de bebês em infantários**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Régio Emilia: escutar, investigar e ap ende/** Carla Rinaldi; tradução Vania Cury. - 2. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2014.

UNESCO. **Legislação, Políticas e Influências Pedagógicas na Educação Infantil.** – Brasília: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário:

1. Quantos anos tem seu filho(a)? Desde que idade ele frequenta escola?
2. Atualmente a escola de seu filho(a) acolhe as famílias? De que forma?
3. Como você percebe a relação entre a família e a escola?
4. Sua família participa das atividades realizadas pela escola? Com que frequência?
5. Você acredita que a ausência da família na escola pode causar algum problema no desenvolvimento das crianças? Porquê?
6. Como a família contribuí para o desenvolvimento da criança na escola, conhece docentes, diretores, coordenadores?
7. Você acredita na participação da família para o desenvolvimento escolar de seu filho(a)? Dê que forma? Porquê?
8. Como foi participar do projeto Culinárias da Turma Amarela no ano de 2015? Como você percebeu esta proposta?